

UM OLHAR QUEER SOBRE OS COWBOYS DO CONTO BROKEBACK MOUNTAIN

Donizete Aparecido Batista

Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba
Não Recomendadxs – Grupo de pesquisa em sexualidade, gênero e interseccionalidades

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar à luz da Análise do Discurso de tradição francesa (AD) e da teoria queer como os personagens Jack e Ennis, do conto "O segredo de Brokeback Mountain" vivenciam suas subjetividades em dois espaços, em duas cenografias diferentes: um é em Brokeback, a montanha, território onde podem experienciar plenamente "o amor que não ousa dizer o seu nome". O outro espaço é justamente os arredores da montanha em que os personagens precisam enfrentar um ambiente hostil as suas sexualidades periféricas, nesse espaço, suas práticas são consideradas antinaturais, infrutíferas e pecaminosas. Para essa análise foram necessários entender os conceitos de sujeito na pós modernidade que, diferentemente de outras épocas, entendia o sujeito de identidade fixa e imutável, hoje, o sujeito é definido como agente de múltiplas identidades, muitas delas, conflituosas, contraditórias. A linguagem é também um elemento importante para nosso estudo. Para isso, nos valem dos conceitos da AD, que compreende a linguagem não como uma espécie de etiqueta para as coisas que nos cercam, ela é componente das nossas subjetividades e se interpõe entre nós e o mundo dito "natural". Assim, os sentidos que mobilizamos não se originam em nós mesmos, mas são estruturados, organizados e regidos por outras instâncias. São as Formações Discursivas (FD) que determinam o nosso dizer. A teoria queer nos serve porque traz um contraponto frente às abordagens que tratam a sexualidade humana como refém do destino biológico, para essa perspectiva, as noções de sexualidade, gênero também são construtos sociais e que são, de alguma forma, mantidos e organizados por poderosas mãos institucionais.

Palavras-chave: Análise do Discurso, teoria queer, homossexualidade

Introdução: uma charada, quatro gatos e um balaio cheio de sentidos

Há uma charadinha muito antiga que contava uma história singela sobre uma sala com quatro gatos matemáticos, parece estranho, mas é isso mesmo, os bichos gostavam de fazer contas. A pergunta da charada era perniciososa, porque apresentava, primeiramente, a forma como os gatos resolviam o problema matemático. Depois disso, a questão era feita para o interlocutor: quantos felinos existiam ao todo na sala? Os incautos fazem cálculos mais elaborados, levando em conta, o raciocínio meio torto dos gatos e ignoram que a resposta está praticamente posta no próprio enunciado da questão. Os gatos somavam apenas os três que estavam dentro do seu campo de visão e se esqueciam de incluir na conta, dito de outra forma, cada um percebe o outro a partir do seu próprio ponto de vista, ignorando o fato de que ele mesmo estava mergulhado nesse contexto e que, embora não se contabilizasse, integrava o quadro todo. Ou seja, havia quatro gatos na sala e não doze, como comumente respondem. A linguagem tem um funcionamento muito parecido. Cada um de nós fala de

uma dada posição, de um determinado ponto de vista e é dentro desse espaço, dessas fronteiras que nos possibilita dar sentidos ao que vemos e vivenciamos. Fazemos essas coisas de forma tão automática que nem nos damos conta de que o que falamos não “brota” simplesmente movido pela urgência comunicativa, os sentidos vêm de outro lugar, de outras instâncias e por essa razão, eles são ordenados, regulados e vigiados. Esquecemos também que nós mesmos estamos encharcados desses sentidos e que por conta desse esquecimento, achamos tudo muito “natural”. A Análise do Discurso (AD) desconfia desses sentidos ditos naturalizados e busca quebrar a concepção de uma linguagem que apenas serve para apontar coisas no mundo, de uma língua meramente referencial. Para a AD, a linguagem é um importante componente das nossas práticas, sem mediação dela, seria impossível a nós atribuirmos sentidos.

Para a AD, a linguagem não se inaugura só no momento em que as pessoas abrem a boca para falar, ela se recria sobre a base de antigas vozes, ecoando sentidos que, de alguma forma, já estão circulando na sociedade. Por conta dessa dinâmica, muitos significados que antes eram “naturais” foram sendo desconstruídos ao longo do tempo: fumar já foi considerado saudável, negros já foram definidos como sujeitos que não possuíam alma e as mulheres já foram consideradas incapazes de liderar, para ficarmos só em alguns exemplos. Pena que parte desses fósseis discursivos ainda são muito produtivos. A AD investiga a não naturalidade dos sentidos construídos por variados códigos simbólicos. A teoria queer também investiga os diferentes mecanismos discursivos que procuram ler nossos corpos e ações como se fossem uma referência direta a nossa genitália. Essa perspectiva desconfia da naturalidade das nossas práticas discursivas, da inexorabilidade do nosso destino biológico. Desta forma, nossos atos são também ecos distantes, vindos de outros tempos e lugares e somos constantemente impingidos a reiterá-los, só assim, somos capazes de sermos vistos pelos outros, de sermos reconhecidos e contabilizados de acordo com uma ordem binária e excludente. São esses discursos que vamos estudar um pouco observando os personagens Jack e Ennis do conto *O segredo de Brokeback Mountain*, de Anne Proulx e como cada qual em seu canto, vão reiterando (ou tentam) as práticas discursivas atreladas ao seu sexo biológico. A AD e a teoria queer mostram-nos que, antes de um quarto com cada gato em seu canto, somos, na verdade, um balaio repleto deles, cuja balburdia é carregada de múltiplos sentidos que merecem serem descritos e entendidos.

Os sujeitos que habitam (provisoriamente) a montanha

O conto *O segredo de Brokeback Mountain* foi adaptado para o cinema em 2006. A produção, dirigida por Ang Lee, provocou comoção mundial, não por menos, pois o enredo contava a trágica narrativa de dois cowboys que se amavam, mas que, enredados por um duro sistema discursivo, viviam essa paixão escondida, ocultada dos demais. *Brokeback Mountain*, lugar tão importante que dá título ao conto, era o único espaço de fuga dos cowboys de vozes repressoras da sociedade. Para os dois personagens que viviam esse romance, lá era uma espécie de exílio, um ambiente em que podiam vivenciar livremente essa relação. Pode-se afirmar que o espaço da montanha era uma espécie de ponto de fuga das práticas e das cadeias discursivas em que os dois personagens estavam engendrados.

O espaço de exílio era considerado pelo demais personagens um lugar inócuo, não produtivo. Um exemplo disso é o questionamento de Anna, esposa de Ennis, sobre o fato de ele ir 20 anos às montanhas com Jack (amante de Ennis) e nunca trazer um peixe sequer. Essa imagem nos serve como uma espécie de metáfora, Anna só consegue traduzir o relacionamento entre dois homens como improdutivo, como uma espécie de ameaça à humanidade. Essa prática discursiva propagada por Anna crê que o sexo entre iguais não se encaixa dentro da prerrogativa matricial da heterossexualidade: o sexo deve ser inócuo, usufruído exclusivamente para gerar e não para o prazer. (BRANCO, 2015). Outro momento em que esse tipo de discurso se evidencia é quando Anna desiste de tomar contraceptivos e diz a Ennis a razão: o tipo de sexo que ele gostava de fazer com ela, não lhe oferecia nenhum risco de engravidar dele. Subtende-se que Ennis tinha preferência pelo sexo anal, uma prática que foge do *script* planejado pela igreja.

Em um dado momento da narrativa, Jack, personagem mais próximo do ponto de deriva desse discurso religioso, tece planos para ambos morarem juntos. A reação de Ennis denota apreensão:

Calma, calma, calma. Não vai ser assim. A gente não pode. Estou atolado com o que tenho, preso no meu próprio laço. Não dá para sair. Jack, não quero ser como esses caras que às vezes a gente vê por aí. E não quero morrer.” (PROUXL, 2006, p. 49).

A fala de Ennis revela o quão preso ele está nas amarras discursivas. O seu destino já havia sido traçado, de fronteiras bem delineadas:

casamento, filhos. Essa tentativa de recusa desse ruma gera um confronto entre o "natural" X "antinatural" na cabeça dos personagens. Ambos acreditam que estão infringindo uma regra que se diz natural, e essa desobediência os coloca imediatamente na posição de não humanos, dos que agem de maneira antinatural. A fala de Ennis também indica o quanto de nossos discursos são constituídos pelo horizonte iminente do outro, do olhar alheio, institucionalmente localizado (família, igreja, estado etc). Essa relação é uma luta de forças não simétricas, já que ao lado de Jack e Ennis, naquele contexto, existiam pouquíssimas forças de resistência. Foucault (1998) elenca os dispositivos de poder que procuram subjetivar o homem, sempre no horizonte das relações que possibilitem a emergência da família tradicional burguesa. O pavor de Ennis advém justamente dessas regras de interdição, que reduzem a realidade a apenas duas formas de existência: a normalidade ou a anormalidade.

(...) não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que anda mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não te apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. (FOUCAULT 1988 p. 81).

O discurso assumido por Ennis permite compreender as práticas discursivas que condicionam, tornam possível o sujeito. “A subjetividade é assim estruturada no acontecimento” (ORLANDI, 2008 p. 99). Pela impossibilidade da transparência e sendo a língua atravessada pela ideologia, é possível perceber como o personagem caracteriza discursivamente os “caras” indexados por Ennis. Há uma remissão para fora da sua fala, um sentido que se constitui na inter-relação de outros tantos, de matrizes históricas diferenciadas. E a atribuição desses sentidos, a constituição, o uso dessa palavra e não outra no lugar, permite também perceber um pouco das matrizes ideológicas que interpelam o personagem. Quem seriam esses “caras” a que ele faz referência? De que maneira a vida desses outros caras, no que diz respeito à sexualidade e à forma como a vivem, afeta seu discurso? Há um conflito que se exhibe na linguagem, um conflito que se estabelece entre “vivenciar” formas fixas e padronizadas de práticas discursivas e entre um modelo que se apresenta instável, incontroleável e que também, de certa forma, desestrutura o mundo discursivo em que Ennis se diz encontrar cativo.

Freire (1983) afirma que nos damos conta da realidade de maneira “ingênua”. Lidamos com objetos simbólicos, mas esse trato não nos garante vislumbrá-los de dentro, percebê-los criticamente. Há um intrincado jogo de relações entre esses signos, eles não existem *per si*, mas se constituem na presença visível ou oculta de outros. Esses pontos cegos se dão justamente porque estamos “condicionados pela realidade concreta, cultural em que nos encontramos.” (FREIRE, 1983, p.17). Mas ao mesmo tempo, sabe-se que, potencialmente, as subjetividades humanas não se constituem somente na obediência, tal como seres robóticos que agem cegamente seguindo uma programação. Existe uma gama de *scripts* e, muitos deles, não contam com o aval dos discursos reinantes. Há que se contar com o fator de imprevisibilidade, de sair pela tangente e vivenciar outras realidades não outorgadas pelos discursos hegemônicos. O homem, segundo Freire:

(...)não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um “ser-em-situação”, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da “praxis”; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre (sic) êle (sic), o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, “envolvendo-o”, condiciona sua forma de atuar. Não há, por isto mesmo, possibilidade de dicotomizar o homem do mundo, pois que não existe um sem o outro. (FREIRE, 1983, p. 17).

Para a AD interessa, obviamente, entender como esses sujeitos se constituem, não como entes biológicos ou lúcidos, mas como seres históricos que estão vivenciando uma tensão entre identidades potencialmente possíveis, mas que se encontram em uma dada localização espaço temporal, que está organizado por meio de práticas discursivas, mas que, paradoxalmente, também se abre para a alteridade e para a deriva. Obviamente esse gesto de enfrentamento tem um preço. Há uma angústia que orbita os personagens do conto, em especial, os dois cowboys. Como já havíamos adiantado, há duas possíveis identidades que eles podem seguir, assumir. A segura é a que discursivamente recebe mais aval da sociedade, a outra percorre a margem e pode, como o próprio Ennis diz, causar sua morte, haja vista a ameaça que essa segunda "opção", que esses discursos não hegemônicos representam para a ordem instituída. Há, claramente, identidades em conflito.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão

“mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, p. 12).

Diferentemente de Hall, a AD estabelece três instâncias que foram responsáveis por esse deslocamento do sujeito, segundo a perspectiva da AD (ORLANDI, 2008). O *marxismo*, que desvelou a não transparência da história. A *psicanálise*, que descortinou o subconsciente humano e conseqüentemente, a não-transparência do sujeito, e a *linguística*, que percebeu a arbitrariedade da linguagem, a opacidade de sua natureza fadada ao equívoco. Hall (2005) acrescenta a esse conjunto ainda mais dois fatores: a noção de *discurso* de Foucault, que questionou a autonomia, o livre arbítrio do homem, esse sempre sob a tutela de instituições reguladoras, que condicionam, estabelecem e determinam papéis. E por fim, o *feminismo*, que questionou a forma assimétrica das relações de gênero e como os comportamentos tanto femininos e masculinos são, na verdade, construções discursivas, distantes, portanto, de uma “essência” ou “natureza” feminina e ou masculina.

Em Hall (2005), ainda, o sujeito pós-moderno é muito diferente do sujeito do Iluminismo. Havia nesse período uma ideia de unicidade, do sujeito centrado, de identidade invariável. Basta lembrar, por exemplo, a grande cadeia dos seres, ideia muito comum na Idade Média, os sujeitos nasciam e ocupavam um espaço nessa corrente e a tendência era de que gerações futuras assumiriam seu lugar, perpetuando o modelo social vigente. Qualquer alteração nessa estrutura era capaz de fazer ruir esse mundo. As narrativas desse momento exibiam com certo horror o que aconteceria, se por porventura, alguém desafiasse essas regras. Os contos de fadas, por exemplo, exibem as desventuras de seres que se encontram fora dessa ordem estabelecida – princesas que se tornam súditas, reis destronados etc. – O caos só pode ser vencido e a ordem reestabelecida se o sujeito voltar a ocupar o seu espaço de direito.

A montanha: suas trilhas e seus destinos

Ennis é um personagem que se inscreve na pós modernidade, pois descortina os discursos possíveis sobre as sexualidades periféricas e ao mesmo tempo também indica, sugere, quais seriam as práticas que possuem o aval das instituições. Em um dado momento da narrativa, Ennis menciona os “caras”, com esse distanciamento, se inscreve numa posição de fora desse circuito, que vê esses sujeitos como os “outros”, os invertidos, os pederastas, os sodomitas, os veados, os gays. A semântica dessa expressão “os outros” foi constituída na própria matriz das sexualidades ditas normais, A normalidade e a anormalidade possuem laços estreitos, seus sentidos e significados se dão de forma mútua, indissolúvel. O conto, ademais, arma uma presepada discursiva: apresenta dois personagens icônicos da sexualidade hegemônica - cowboys representam a virilidade do homem estadunidense - fazendo justamente o papel dos “outros”, dos “invertidos”.

Esses sentidos expostos pela narrativa de Proulx vem de eras longínquas, mas nem sempre foi assim. Na Antiguidade, por exemplo, a preocupação era com o ato em si, se o sujeito era penetrado ou penetrava, ativo ou passivo, dava-se pouco mérito ao objeto de desejo em si. O sexo era encarado e regulado como um jogo de dominação. Homem/mulher, Proprietário/escravo, Homem/jovem. O sexo, concebido pelas instituições reguladoras da época, deveria seguir o princípio do isomorfismo, ou, seja, reproduzir as relações de poder da vida social. (FOUCAULT, 1988). A reconfiguração das instituições promovida pela pastoral cristã passou a observar com mais atenção a questão sexual, fazia parte do projeto legalizar apenas as sexualidades que interessassem ao engenho cristão – a procriação e a geração de novas almas. A vigilância sobre os atos em si foi aos poucos sendo abandonada. Na era moderna, a vigilância centra-se nos agentes envolvidos nas práticas sexuais.

Nós indivíduos modernos, somos em parte essa subjetividade confessante incapaz de ver que esse nosso modo de tratar e de levantar a sexualidade como questão urgente é apenas uma das voltas da história do que temos inventado para dar a nós um *mesmo*, isto é, uma identidade reconhecível, cognoscível, veraz, satisfatória. A genealogia da nossa subjetividade moderna visa mostrar como acabamos por nos constituir enquanto sujeitos a partir de práticas de si, quer dizer, por meio, a princípio, de elaborações éticas da vida que visavam, entre os gregos, as relações sexuais como parte de um regime de prazeres a ser moldado eticamente. Já bem mais tarde, as práticas visavam a carne, vendo nela concupiscência, fonte maior do pecado. (ARAUJO, 2001, p. 125).

Foucault afirma que nunca se falou tanto do sexo como hoje em dia. Apesar de todos os sistemas de censura, o sexo, paradoxalmente, continua sendo topicalizado, estudado, investigado. Decorre de uma herança cristã, cuja prática de confissões multiplicou-se em inúmeras outras formas de falar, de discutir o sexo. A sexualidade tornou-se tão relevante a tal ponto de sermos completamente encapsulados por ela, ou seja, o sexo é um integrante fundamental para constituição de nossas subjetividades, cujos comportamentos são regulados a partir de uma matriz heterossexual, discursos que compõem um “movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual” (Foucault, 1988, p. 39). Uma rápida olhada nas pautas das revistas voltadas para públicos femininos e masculinos revela como os comportamentos sexuais são orientados nesse sentido. O público feminino sempre orbitando, passivamente, em torno dos homens, e estes devem desempenhar o papel de protagonistas, cuja virilidade deve ser indiscutível. Percebe-se uma necessidade de se rastrear as formas de sexualidade a que os indivíduos se sujeitam. É uma forma de desvelar a verdade sobre eles. As formas de repressão e de censura são uma maneira de se trazer o sexo para o discurso.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. (FOUCAULT, 1988, p.27).

Louro (2004) utiliza a metáfora da viagem para descrever as sexualidades periféricas. Segundo a autora, todo o sujeito empenha-se numa trajetória, em uma viagem. Uma rota de aprendizagem, de formação. Descarta-se a concepção de um sujeito uno, que vai se transformando de modo linear. A viagem aqui interessa pela própria ação de deslocamento, não pelo ponto de chegada. O viajante é dividido, flutuante, instável e está num processo.

(...) que, ao invés de cumulativo e linear, caracteriza-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante, (LOURO,2004, p. 13)

Os caminhos são traçados, mas como já havíamos dito, o sujeito tem a

possibilidade de traçar outras rotas, outros atalhos. Os desviantes serão obviamente caçados por inúmeros fatores discursivos, há necessidade de colocá-los no caminho já traçado. É o laço a que Ennis se diz preso. E são justamente esses pontos de fuga, esses andarilhos que conseguem expor o maquinário por trás dessas estradas já traçadas, a forma como “essas normas são feitas e mantidas” (LOURO,2004, p. 18)

O feminismo (apontado nesse texto como uma das engrenagens do descentramento do sujeito) propôs que as propaladas diferenças entre os sexos nada mais são do que construções históricas e políticas. A emblemática frase de Beauvoir “não se nasce, torna-se mulher” é síntese desse movimento. Nasce-se fêmea, mas os comportamentos de gênero são “ensinados”, “depreendidos” por inúmeros instrumentos reguladores. Para Butler (2003) é necessário fugir da dicotomia discursiva natureza x sociedade (sexo e gênero). A autora aponta justamente para a arbitrariedade desse binarismo. Se o sexo é uma espécie de destino biológico dos sujeitos, o gênero encerraria o sujeito em um destino “cultural”. Para ela, o feminismo lutou discursivamente com os termos fornecidos pelos próprios opressores, é como se dessem armamento cuja munição é de festim. Deve-se repensar o sexo biológico também como gênero: ambos são constituídos dentro de aparatos sócio culturais e sempre dentro de uma relação interlocutiva com vários sistemas simbólicos.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero não faz sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre qual age a cultura. (BUTLER ,2003, p. 25).

O gênero não seria uma “metafísica da substância” do sexo biológico. Para a autora, deve-se desatrelar o conceito de gênero desse binarismo tido como natural. Foucault já havia apontado essa questão no primeiro volume de sua *História da Sexualidade*. Segundo ele, o sexo não é um “dado da natureza”(Foucault, 1988, p.100) é antes, um dispositivo histórico, cooptado por “grandes estratégias de saber e de poder”. (Foucault 1988, p. 100). A sexualidade, segundo Butler, seria muito mais a assunção de determinados comportamentos, de performances assumidas pelo sujeito assim que ele

nasce. Os discursos e as práticas discursivas aí implicadas selam o destino dessa criança. Ao gritar *menina* ou *menino* pressupõem-se uma série de atos performativos aos quais essas crianças estarão sujeitas ao longo de suas vidas. Atos que servem para vincular o sexo biológico com seu gênero e com o seu desejo. Cria-se um temor de se tornar esses “outros”, os abjetos, os que se encontram à deriva, fora de qualquer polo. Butler diz que há uma tentativa de se alinhar essas três pontas dentro de uma matriz heterossexual compulsória. Esse alinhamento garantiria inteligibilidade ao sujeito.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38)

As ideias de Butler repensam, de maneira audaciosa, o feminismo. A pensadora acredita que há necessidade de desconstrução dos pilares que organizaram a luta feminista nesse mais de um século. De fugir desse binarismo reducionista e agregar outros elementos que contribuíram para uma ideia mais complexa do que seria assumir um comportamento de um dado gênero. A autora acredita que há outros elementos implicados na constituição de gênero de um sujeito, a interação constitutiva de inúmeros sistemas simbólicos. Assim, a perspectiva de Butler propõe repensar não só as cadeias discursivas que formatam as mulheres, mas também as diversas formas marginais de orientações sexuais, de gêneros possíveis, de performances constitutivas de um dado sujeito.

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política da identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume e restringe os próprios “sujeitos” que espera representar e libertar. A tarefa aqui é celebrar toda e qualquer nova possibilidade, mas redescrever as possibilidades que já existem, mas que existem dentro de domínios culturais apontados como culturalmente ininteligíveis e impossíveis. Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. (BUTLER, 2003, p. 213)

Considerações finais: para além do degredo

O final do conto Brokeback Mountain sugere que ambos os cowboys foram sucumbidos pelos discursos binários de gênero e sexualidade. Diante dessa esfinge discursiva e das alternativas que, naquele tempo e espaço, se mostravam, restam poucas manobras para os personagens: ou optam por viver dentro de um simulacro que agrada às expectativas impostas, degredados de si mesmos, ou encaram o enfrentamento desse sistema, correndo grandes chances de perderem a própria vida. Jack pagou com a própria vida, pois ele ousou estender as fronteiras da montanha para além, ousou ampliar os limites impostos pela montanha para um território ainda dominado pelos discursos hegemônicos sobre sexualidade. Embora os tempos sejam outros hoje, muito habitantes de corpos e comportamentos não padronizados, desceram a ladeira e vivenciam suas sexualidades ditas periféricas em territórios que ainda se mostram muito hostis. A AD e a teoria queer possuem um vasto arcabouço teórico/metodológico que se propõe a desvelar esses territórios, e mostrar que essas cercas e fronteiras são, ao contrário do que diz o senso comum, postas e instituídas por mãos humanas.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica ao sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BRANCO, Fabiana de Souza Castelo. **Um corpo estranho no santuário – discurso de instituições religiosas e experiências de indivíduos homossexuais em igrejas**. Curitiba: Appris, 2015. Kindle Edition.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: vontade de saber**. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: 3ª. Edição Pontos Editores, 2008.

PROULX, Annie. **O segredo de Brokeback Mountain**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.